

Sol e sombra, luz e luzes

na poesia de Agostinho Neto

Francisco Topa
U. Porto / CITCEM
ftopa@letras.up.pt

Resumo: O artigo aborda o tópico da luz na poesia de Agostinho Neto, defendendo que ele nos permite perceber os pontos essenciais da poética e do pensamento político netianos. São inventariadas e comentadas as várias ocorrências e aceções do tópico, que muitas vezes joga com o seu antónimo.

Palavras-chave: Agostinho Neto; luz; escuridão.

Abstract: The article studies the topic of light in Agostinho Neto's poetry, arguing that it allows us to perceive the essential points of Neto's poetics and political thought. The various occurrences and meanings of the topic, which often plays with its antonym, are inventoried and commented on.

Keywords: Agostinho Neto; light; darkness.

A obra de Agostinho Neto, apesar de relativamente exígua, escrita que foi num tempo breve enquanto outras formas de luta política não se impuseram na vida do seu autor, não deixa de surpreender – pelo menos a mim – pelas possibilidades de leitura que continua a abrir. Um dos tópicos que a dominam e que, segundo julgo saber, ainda não foi objeto de abordagem sistemática é o da luz, presente no emblemático poema de abertura de *Sagrada Esperança*, “Adeus à hora da largada”: nós, que “somos os teus filhos / dos bairros de pretos / além onde não chega a luz eléctrica” (NETO, 2018: 25)¹, “Nós vamos em busca de luz” (26).

¹ A partir daqui, e por comodidade, as citações da obra de Agostinho Neto consistirão apenas na indicação da página.

Fenómeno físico que durante longos séculos intrigou filósofos, físicos e curiosos, a luz é de há muito consensualmente entendida como uma forma de radiação eletromagnética cuja frequência é visível ao olho humano. Isso não impede, contudo, que o termo tenha várias aceções, como facilmente se comprova através da consulta a um dicionário comum. De facto, para além da aceção técnica, o *Dicionário* da Porto Editora (2015: 997) regista também: “iluminação que provém do Sol durante o dia”; “luminosidade”; “claridade emitida ou refletida pelos corpos celestes”; “clarão produzido por uma substância em ignição”. A estes acresce o sentido figurado de “conhecimento”.

Menos preciso mas mais poético (e mais próximo do uso que Neto faz do termo) é o verbete que lhe consagra Rafael Bluteau no seu *Vocabulario Portuguez, e Latino*, no início do qual podemos ler:

Luz. Qualidade subtilissima, que penetra os corpos diaphanos, & faz todos os corpos visiveis. As principaes propriedades da luz são alumear em hum instante toda a esphera da sua actividade, ser a mais pura de todas as qualidades, communicarse sem diminuição, manifestar todas as cores, descobrir os mais pequenos atomos, formar hum circulo, por qualquer buraquinho, pelo qual se insinue (BLUTEAU, 1716: 215).

Mais à frente, recorda o religioso teatino que “Neste mundo visivel, a luz foy o primeiro parto do Creator”, dissertando depois sobre o seu contrário, a sombra: “Não há symbolo mais claro da prosperidade deste mundo. (...) Assim sempre a luz he acompanhada da sombra, & se no auge da prosperidade, como no Sol do Meyo dia, a sombra he pequena, sempre vão crescendo as sombras das afflições, & se fazem tam compridas, que vão fenecer só no fim da vida.” (BLUTEAU, 1716: 215). Outro ponto interessante do verbete é a citação de um aforismo que Cícero coloca na boca de Énio:

Homo qui erranti comiter monstrat viam,
Quasi lumen de suo lumine accendit, facit:
Nihilominus ipsi luceat, cum illi accenderit.² (CÍCERO, 1818: 402)

² Tradução (da minha responsabilidade): “Um homem que mostra, amavelmente, o caminho a alguém perdido, / Procede como se acendesse a luz do outro com a sua. / Não brilha menos a dele, quando acendeu a do outro.” É esta provavelmente a fonte de um dos pontos da “Licção septima” da *Nova Arte de Conceitos* do setecentista Francisco Leitão Ferreira: discorrendo sobre a imitação e o furto, escreve que “assim como eu propriamente

Ora, também esta ideia de que a dádiva – neste caso da luz, em qualquer dos seus significados – não tira a quem dá, convertendo-se assim numa espécie de multiplicador mágico, pode ser detetada na obra e no pensamento de Agostinho Neto, a começar pelo poema atrás referido, “Adeus à hora da largada”. De facto, o sujeito que declara “Nós vamos em busca de luz” e em seguida faz equivaler essa luz a vida é “aquele por quem se espera”, não propriamente no sentido messiânico que muitos comentadores atribuem a esse verso, mas na linha que é explicitada em “Um aniversário”: “E o nosso formado em Medicina / construirá também!” (61). Trata-se, pois, da aquisição de um conhecimento para ser partilhado e para ser aplicado, de acordo com uma orientação que não está muito afastada do *Sapere aude!* reclamado por Kant, isto é, a coragem de usar o entendimento e o conhecimento para a autodeterminação, embora no caso de Neto esse não seja um processo apenas individual, mas também coletivo, implicando uma luta pela libertação.

As várias etapas desse processo estão bem expressas em diferentes poemas. Em “Noite”, por exemplo, temos um sujeito individual que expressa a consciência da escuridão e de uma certa forma de escravidão: “Vou pelas ruas / às apalpadelas/ encostado aos meus informes sonhos / tropeçando na escravidão / ao meu desejo de ser.” (44). Já em “Consciencialização” esse sujeito dá um passo à frente, assumindo um propósito: “Acontece que eu / homem humilde / ainda mais humilde na pele negra / me regresso África / para mim/ com os olhos secos” (60). Noutros textos, essa consciência e esse propósito surgem já numa dimensão coletiva, como acontece em “Mussunda amigo”, particularmente no verso final, “Nós somos.” (65), também ele uma espécie de réplica a outro aforismo filosófico, o “Ergo sum” de Descartes.

Como pontos de algum modo intermédios, temos uma série de composições em que o par antimónico luz / trevas assume diversos cambiantes, naturais e artificiais, literais ou metafóricos, positivos e negativos.

Um aspeto várias vezes sublinhado é que a luz, qualquer que seja a sua forma, não pode ser apropriada. É por isso que só com amarga ironia o sujei-

não tomo, mas só roubo por metáfora, o lume ao meu vizinho, se lhe tomo para mim a mesma vela acesa de que he possuidor: da mesma sorte o tomar, ou furtar huma cousa a outrem, então se diz nos escritores propriamente roubo, furto, & latrocínio, quando a mesma cousa em individuo inventada por hum, he usada ao depois por outro: porque se ella for hum distinto individuo, já se não dirá tomada, nem furtada, mas imitada ou competida: & só por metáfora se pôde chamar roubo” (FERREIRA, 1718: 170-1).

to de “A renúncia impossível” concede que “O sol brilha só para vós / a luz reflecte só para vós” (151), correspondendo este *vós* aos escravagistas, aos responsáveis pelos massacres e ocupações em África. Mas, ao contrário da luz natural, a eletricidade constitui uma forma de poder e de segregação, como se vê em “Crueldade”: “Da cidade iluminada / vêm gargalhadas / numa displicência cruel” (36).

A luz artificial, para além de ser um bem de que os habitantes negros e pobres são excluídos, é representada como um elemento de sedução, correspondente ao divertimento urbano – “enquanto um carrocel / arrasta em turbilhão de sonho / luzinhas vermelhas verdes azuis” (31) – ou a um sortilégio mais perigoso, como acontece em “Kalumba”: “Ela veio do mato / e confundiu / as estrelas com as luzes da cidade” (136). Neste último caso, o destino da recém-chegada é a imagem de um longo processo histórico: “Mas os seus olhos confusos / descobriram na cidade / um mundo diferente / onde a sua alma era aferrolhada / nos navios que levaram do Congo / os homens sobre o mar” (136).

A sombra ou a ausência de luz é muitas vezes um sinal de perigo, podendo indicar várias formas de injustiça: “Ansiedade / nos soldados que se divertem / emboscados à sombra de cajueiros / à espera de incautos transeuntes” (29). Esta dimensão negativa da sombra e do escuro não é exclusiva do aparelho colonial repressor, podendo ter também uma dimensão particular. É o caso de um fenómeno a que hoje estamos particularmente atentos: o dos crimes sexuais, em particular os que incidem sobre menores. Veja-se esta passagem também de “Sábado nos musseques”: “Ansiedade no homem / escondido em recanto escuro / violando uma criança” (29).

Noutros casos o sentido da sombra é mais comum, indicando, por exemplo, o sofrimento familiar. É o que se vê na composição “Partida para o contrato”, em que o apagamento do homem no horizonte vai “escurecendo / o céu escurecendo a terra / e a alma da mulher” (27), impondo a “Negrura / Só negrura...” (27). Algo de semelhante pode acontecer com a estrela, tomada como signo da morte de um ente querido, como em “Assim clamava esgotado”: “Morreu alguém no meu lar / No meu lar havia uma filhinha / estrela brilhante no céu da minha pobreza / ela morreu” (100).

Menos comum é a associação de “astros cintilantes” a uma espécie de arte poética que, em alguns momentos, não anda longe do que hoje entendemos

como ecocrítica. Veja-se esta passagem de “Poema”: “Um poema que não sejam letras / mas sangue vivo / em artérias pulsáteis dum universo matemático / e sejam astros cintilantes / para calmas noites / de invernos chuvosos e frios / e seja lume para acolher as gazelas / que pastam inseguras / nos campos acolhedores da imensa vida;” (83).

Outro aspeto interessante tem que ver com a representação das formas de vencer a escuridão. Para além da luz elétrica, o divertimento, ainda que vigiado, pode fazer-se graças a outras fontes de energia: “Ansiedade na kazakuta/ dançada à luz do acetileno / ou do candeeiro *Petromax*” (33). Pode fazer-se também com recurso à iluminação da lua, designadamente em certas zonas da cidade habitadas pelos “condenados da terra”. É o que se vê no poema “Sábado nos musseques”, em que a festa se faz “na lua cheia / acesa em vez dos candeeiros / de iluminação pública / que pobreza e luar / casam bem” (28). Em contexto não urbano ou periurbano, também o fogo constitui uma alternativa de luz para o ócio noturno: “No céu o reflexo do fogo / e as silhuetas dos homens negros batucando / de braços erguidos / No ar a melodia quente das marimbas” (43). Mas, na verdade, não estamos perante simples vivências de ócio: trata-se de formas de cultura, que fazem parte de uma identidade que continua a representar uma “Aspiração”, alguma coisa que está por vir, marcada que está por um *ainda* murmurado “nas sanzalas/ nas casas / nos subúrbios das cidades / para lá das linhas” (54): “Ainda / o meu sonho de batuque em noites de luar” (53). É também por isso que, em “Havemos de voltar”, se proclama: “aos ritmos e às fogueiras / havemos de voltar” (115). Não esqueçamos ainda que, além dessa vertente identitária, o batuque pode representar uma forma de preparação para a luta: “As mãos violentas insidiosamente batem / no tambor africano / e a pele percutida solta-me tam-tams gritantes / de sombras atléticas / à luz vermelha de fogo de após trabalho” (72).

A dicotomia sol / sombra ou dia / noite tem uma série de outras representações. Em “Meia-noite na quitanda”, por exemplo, a transição do sol para a lua é um modo de indicar a duração interminável de um dia de trabalho: “O sol / entrega Sá Domingas à lua / nas quitandas dos musseques” (42). Sol e sombra são, assim, uma espécie de alfa e ómega da propalada “Civilização ocidental”, aquela que faz com que “O sol atravessando as frestas / acorda o

seu habitante” e que assegura que “Uma esteira nas noites escuras / basta para ele morrer / grato / e de fome.” (45).

Noutros poemas, dia e noite assumem uma dimensão metafísica, que tanto pode ser pessoal – “Um dia / o meu sol caiu no mar / e me anoiteceu” (137) – como coletiva: “Mas na noite escura / os corações se erguem // Ah! é tão alegre a madrugada” (137).

A outra grande dimensão de luz que aparece na poesia de Agostinho Neto está associada ao anúncio de um novo dia, de algum modo comparável ao “dia inicial inteiro e limpo” de Sophia de Mello Breyner. O primeiro passo para esse anúncio é necessariamente individual e passa pela dimensão cognoscitiva da luz, como se vê na segunda parte de “A renúncia impossível”, que abre com o grito: “Ah! Faça-se luz no meu espírito / LUZ!” (153).

Cumprida essa etapa, o sujeito adquire uma confiança que lhe permite afirmar: “vejo luz onde só há trevas.” (48). E, logo a seguir: “Sou um dia em noite escura”. Isto apesar de declarar também: “Nunca vi o sol / que tenho a recordar?” (48). É este o sinal de que estamos perante um tempo novo, com um novo sol. Um tempo que será coletivo e que já é perceptível “nesta madrugada do nosso dia” (57). Em “A voz igual”, o “amanhecer vital” de que se fala é aquele em que “Os homens saídos dos cemitérios da ignorância” “são os eleitos / os participantes efectivos no festim da nova vida” (117); os que, “Chegados à hora”, farão parte de um renascimento capaz de fundir os contrários: “Ressuscitar o homem / nas explosões humanas do dia a dia / na marimba no chingufu no quissange no tambor / no movimento dos braços e corpos / nos sonhos melodiosos da música / na expressão do olhar / e no acasalamento sublime da noite com o luar / da sombra com o fogo do calor com a luz / a alegria dos que vivem com o sacrificio gingado dos dias” (120-1).

Esse será um dia alinhado com a natureza africana: “E há esta alegria de ser humano / quando a manhã avança suave e forte / sobre a embriaguez sonora do cântico da terra / apavorando vermes e répteis” (63). Um dia que fará surgir “um trilho imenso do Níger ao Cabo / onde marimbas e braços tambores e braços vozes e braços / harmonizam o cântico inaugural da Nova África” (63). Esse dia inaugural far-se-á também com a luz das fogueiras noturnas: “A liberdade nos olhos / o som nos ouvidos / das mãos ávidas so-

bre a pele do tambor / num acelerado e claro ritmo / de Zaires Calaáris montanhas luz / vermelha de fogueiras infinitas nos capinzais violentados” (67).

Esse dia do renascimento africano contempla também o pequeno milagre da vida de um povo independente, finalmente livre para “O içar da bandeira”: “Cheguei no momento do cataclismo matinal / em que o embrião rompe a terra humedecida pela chuva / erguendo a planta resplandecente de cor e juventude” (109).

Concluindo, podemos dizer que, não sendo este tópico da luz dos mais óbvios da poesia de Agostinho Neto, é um dos que nos permite perceber os pontos essenciais da sua poética e do seu pensamento político. Mais ainda: meio século passado da escrita desses textos, numa época em que nos voltam a dizer que o sol não brilha para todos; que a luz elétrica e a energia não são para todos; que os “cataclismos matinais” são de outro tipo; que os que vão em busca de luz e de vida não podem seguir viagem; somos obrigados a reconhecer que a poesia de Agostinho Neto continua a ser válida e necessária, por muito que nos digam que está fora de moda.

Bibliografia

- BLUTEAU, Rafael (1716). *Vocabulario Portuguez e Latino (...)*. Vol. V. Lisboa: Oficina de Pascoal da Sylva.
- CÍCERO (1818). *Œuvres Complètes de M. T. Cicéron, traduites en français, le texte en regard*. Tome ving-cinquième. Paris: F.-I. Fournier.
- (2015) *DICIONÁRIO da língua portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- FERREIRA, Francisco Leitão (1718). *Nova arte de conceitos (...)*. Primeyra parte. Lisboa Occidental: Oficina de Antonio Pedrozo Galram.
- KANT, Immanuel (1984). *Kant e a “Resposta à pergunta O que São as Luzes”*. Edição, apresentação, tradução e notas a cargo de José Esteves Pereira. “Cultura, História e Filosofia”. III.
- NETO, Agostinho (2018). *Obra poética completa*. 2.^a ed. Luanda: Fundação Dr. António Agostinho Neto.